ISSN: 2358-8829

AS REPRESENTAÇÕES DAS MÚLTIPLAS VIOLÊNCIAS EM OLHOS D'ÁGUA: DENÚNCIA E RESISTÊNCIA EM PROL DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Emanoelle Maria Brasil de Vasconcelos [1]

INTRODUÇÃO

A obra *Olhos d'água* se configura como uma obra ficcional, poética e ensaística. Publicada em 2014, o total de quinze contos compõem o livro, nos quais as temáticas que mais contundentemente abordadas são: a pobreza e a violência urbana. Em razão das construções narrativas apresentarem personagens submetidos às situações de racismo, violência de gênero, exploração do trabalho e criminalização. Contudo, a autora, Conceição Evaristo não se limita ao registro do sofrimento de personagens que se localizam à margem da sociedade, pois ela traz para a centralidade experiências e vivências destes grupos, que são com frequência apagadas. A valorização das vozes ocorre por causa da autora se alicerçar na memória, voz, afeto e possibilidade de resistência dos grupos estigmatizados da nossa sociedade, em especial das mulheres pretas das classes econômicas mais vulneráveis.

O objetivo deste trabalho é propor uma leitura da coletânea *Olhos d'água*, de modo a discutir como os contos da coletânea, de Conceição Evaristo, podem contribuir para identificarmos as diferentes formas de violências presentes em nossa sociedade. Os contos podem ser produtivos para uma educação antirracista, porque os contos de Evaristo são costurados por narrativas sobre as vivências da população afro-brasileira, mormente, das mulheres negras. Ademais, é relevante considerarmos que há uma pluralidade de vozes e experiências que compõem a coletânea de contos, como as narrativas sobre: Ana Davenga; Duzu-querença; Natalina; Luamanda; Cida e a menina Zaíta.

Para além da importância da literatura e da sua análise, o estudo das violências que perpassam os corpos negros se encontra em consonância com a Lei nº 12.796 (Brasil, 2013), que alterou a LDB, para incluir como princípio, que norteia o ensino, a

[1] Doutoranda do Curso de Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paríba - UEPB, emanoellemvasconcelos@gmail.com;

ISSN: 2358-8829

atenção a diversidade étnicoracial, por isso é fundamental a abordagem de obras literárias na área da educação. Assim, a partir do descortinamento do problema podemos pensarmos em formas de combatê-lo. Reconhecer a diversidade, nesse contexto, não significa apenas mencioná-la: implica questionar hierarquias, silenciamentos e desigualdades que atravessam a sociedade e também podem atravessar a escola.

Em seu livro *O perigo de uma história única*, Chimamanda Adchie pondera que, "As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada" (Adchie, 2019, p. 32). Portanto, mais do que apresentar uma diversidade nos pontos de vista, as vozes de autores advindos de comunidades marginalizadas, nos permitem, enquanto sociedade, escrever novas formas de existência e por conseguinte combater estereótipos, estigmações e delegitimizações.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A metodologia escolhida para análise das narrativas é qualitativa, pois se baseia na relação entre os sujeitos e o mundo, no qual o objeto é contemplado a partir dos significados humanos. Segundo Creswell (2007) a pesquisa qualitativa é, em sua essência, interpretativa, ao passo que ela adentra no mundo dos significados. Ademais, a pesquisa qualitativa tem caráter descritivo, que deve percorrer desde a delimitação do objeto até a coleta de dados, o qual terá um enfoque no método indutivo, ou seja, partindo de exemplos particulares para formular conclusões gerais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Na perspectiva de Mbembe, o racismo atua como um dispositivo, que tem a finalidade de separar a humanidade entre vidas protegidas e vidas descartáveis, de maneira que a necropolítica consiste neste poder do Estado, de gerir a morte e selecionar os corpos precisam ser preservados; além do mais, não podemos esquecermos que não se trata apenas do assassinato direto ou violência física, mas também a omissão Estatal, como por exemplo quando não se criam políticas públicas para o acesso à direitos e conquista da igualdade material entre os cidadãos. Assim, o

ISSN: 2358-8829

que existe no mundo são grandes populações submetidas a "condições de vida que lhes conferem o estatuto de 'mortos-vivos'" (Mbembe, 2018, p. 71).

Ademais, o racismo exerce o efeito de uma tecnologia de poder de destruição física e vulnerabilidade extrema, que consiste na força motriz do sistema necropolítico, "na medida em que esse é o nome dado à destruição organizada, é o nome de uma economia sacrificial cujo funcionamento exige, de um lado, redução generalizada do preço da vida, e de outro, a familiarização com a perda." (Mbembe, 2020, p. 69).

Os contos de *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo, constroem engrenagens narrativas para colocar a morte e as violências atuando sobre os corpos das mulheres pretas e periféricas. Outrossim, a autora critica a conversão da periferia em um Estado de exceção permamente, de modo que a morte — seja por ação direta, seja por negligência deliberada do Estado — não é apenas uma fatalidade, mas sim um política de gestão populacional.

Adentrando em específico nos tipos de violências vamos considerar na nossa análise alguns tipos, tais como: física, psicológica, moral, sexual, racial, socioeconômica e estrutural. No tocante aquelas violências mais sutis, o sociólogo francês Pierre Bourdieu trabalha o conceito de violência simbólica atrelado a um sistema de exercício simbólico de poder, no qual as estruturas "existem, no próprio mundo social e não apenas nos sistemas simbólicos - linguagem, mito, etc. -, estruturas objetivas, independentes da consciência e da vontade dos agentes, as quais são capazes de orientar ou coagir suas práticas e representações" (Bourdieu, 1990, p.149). Sob esta perspectiva, Bourdieu defende que a violência simbólica trata-se de uma "violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento" (Bourdieu, 2003, p. 7-8). Assim, a violência simbólica, imposta pelo machismo e racismo, são formas de dominação que se mantém por meio de sentidos, normas e classificações socialmente reconhecidas, de modo a fazerem as hierarquias parecerem legítimas ou até mesmo naturais.

Ademais, com muitas da personagem de *Olhos d'água* são mulheres, é importante traz o conceito de interseccionalidade, perspectiva para a qual além de padrões de dominação independente existe um "entrelaçamento complexo, o que faz com que qualquer interpretação aprofundada do mundo social e qualquer projeto

emancipatório consequente precisem incorporar os três eixos" (Brioli; Miguel, 2015, p. 28), a saber, gênero, raça e classe.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos contos de *Olhos d'água*, as violências aparecem de formas diversas e muitas vezes se sobrepõem. Ademais, se constituem como vidas marcadas por diferentes modos de vulnerabilidades, entretanto frise-se que não podemos reduzir a uma única imagem a população afrodescente. Assim, nos contos de Evaristo os personagens enfrentam condições de vida árduas, contudo são representados como sujeitos de memória e desejos, e não como meras vítimas.

No primeiro conto do livro, homônimo da obra, e portanto intitulado de *Olhos d'água*, o que norteia a narrativa é a indagação da protagonista de não saber de qual cor eram os olhos da sua mãe. Ela não conseguia se lembrar, enquanto se recordava de vários detalhes e histórias do passado com a sua mãe. A importância que podemos considerar que os olhos têm é que eles transparecem os sentimentos e emoções dos seres humanos, por isso talvez ler e interpretar o olhar seja fundamental no processo de humanização dos seres. A protagonista reflete "eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esses e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía" (Evaristo, 2016, p. 17), a conjuntura social e econômica da infância da protagonista é difícil, ao ponto da mãe ter que inventar métodos para enganar a falta de recursos para suprir a necessidade básica da alimentação, o que faz com que entendamos melhor, o porquê dos olhos da mãe da protagonista serem olhos de lágrimas, como rios caudaloso.

A violência de gênero se encontra presente na tentativa de controle e exercício da possessividade sobre os corpos femininos, como no conto *Ana Davenga*. O companheiro de Ana era um contraventor, mas: "ela era cega, surda e muda no que se referia a assuntos deles. Ele, entretanto, queria dizer mais uma coisa: qualquer um que bulisse com ela haveria de morrer sangrando nas mãos dele feito porco capado." (Evaristo, p. 23, 2016), assim, percebemos que para além da violência urbana e da criminalidade, a própria personagem Ana era respeitada pelos cúmplices e amigos do Davenga, apenas porque o temiam, e não por ela mesma. A questão do machismo e patriarcalismo também é observada no fato de que a "Ana resolveu adotar o nome dele. Resolveu então que a partir daquele momento se chamaria Ana Davenga. Ela queria a

marca do homem dela no seu corpo e no seu nome.” (Evaristo, 2016, pp. 26-27); nesse contexto, é como se ela pertencesse ao Davenga ou ao menos estivesse sob a sua guarda e por isso mereceria ser protegida. Ainda na narrativa, entramos em contato com a informação que o Davenga, no passado, mandou matar um antigo caso amoroso dele — Maria Agonia — porque ela não queria um relacionamento sério com ele, mas sim apenas um caso, o que converge com a com as causas — controle e possessividade exercida pelo homens sobre os corpos femininos — da violência de gênero nas relações amorosas na nossa sociedade.

Outro ponto fulcral, neste conto, se encontra na violência que tange o necropoder, ou seja, a capacidade do Estado decidir quem pode viver e quem deve morrer. Depois da festa de aniversário de Ana Davenga, ela e o seu companheiro em meio ao momento íntimo são surpreendidos por policiais: “Uma metralhadora apontou para dentro de casa, bem na direção da cama, na mira de Ana Davenga. Ela se encolheu levando a mão na barriga, protegendo o filho, pequena semente, quase sonho ainda.” (Evaristo, 2016, p. 30), no momento em que Davenga se opõe à prisão, a família é interrompida, além dele, morrem Ana e o filho deles que ela ainda carregava no ventre. O narrador onisciente destaca as perspectivas diferentes de reações sobre o fato: “Os noticiários depois lamentavam a morte de um dos policiais de serviço. Na favela, os companheiros de Davenga choravam a morte do chefe e de Ana, que morrera ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga.”(Evaristo, 2016, p. 30), neste trecho fica mais claro a questão do necropoder, para a sociedade e a mídia é mais relevante o anúncio da morte do policial, do que dos demais envolvidos na operação policial, é como se a vida de Ana e feto interrompida fosse um efeito colateral “normal” do combate ao crime

No conto *Duzu-Querença*, a protagonista vive em situação de rua — fome e mendicância — contudo percebemos a resistência dela desde pequena: “Um homem passou e olhou para a mendiga, com uma expressão de asco. Ela lhe devolveu um olhar de zombaria” (Evaristo, 2016, p. 31). Quando Duzu-Querença sai da situação de rua é porque ela começa a fazer faxina em um prostíbulo, como era criança ainda, não compreende bem o que é aquela casa, bem como também não sabe para que serve aquele lugar: “Houve até aquele quarto em que o homem lhe fez um carinho no rosto e foi abaixando a mão lentamente... A moça mandou que ele parasse. Não estava vendo que ela era uma menina? O homem parou.” (Evaristo, 2016, p. 33), neste trecho

ISSN: 2358-8829

percebemos que mesmo ela sendo criança, um dos clientes do estabelecimento tentou ter um contato mais íntimo com ela, sendo detido apenas pela prostituta que o atendia e não por uma fagulha de lucidez e racionalidade. Não obstante, outro dia, não muito tempo depois, "o homem estava deitado nu e sozinho. Pegou a menina e jogou na cama. Duzu não sabia ainda o ritmo do corpo, mas, rápida e instintivamente, aprendeu a dançar." (Evaristo, 2016, p. 33), o trecho nos mostra um tipo de abuso sexual de menores de idade, no qual as meninas de famílias com poucos recursos financeiro são expostas. Depois que cresce, ela permanece por algum tempo na prostituição e "acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habituou-se à morte como uma forma de vida." (Evaristo, 2016, p. 34), nesse último excerto observamos a objetificação extrema enfrentada pelas mulheres que se tornam prostitutas, além da subjugação aos desejos sexuais dos clientes, ainda ficam à mercê dos mandos e desmandos dos seus aliciadores, de modo a poderem sofrer violência física, psicológica, sexual e financeira.

Ainda sobre a personagem Duzu-Querança, sabemos que ela teve noves filhos e vários netos, destes últimos três lhe eram mais próximos: Angélico, queria se guarda penitenciário, para ajudar o pai, que se encontrava preso; Tático, que não queria ser nada e que acaba morrendo depois de se envolver com a criminalidade; e Querença, que trazia dentro dela os sonhos da avó, dentre eles o de estudar. A autora encerra o conto com um fio de esperança, após a morte da avó, a jovem Querença reflete e age para melhorar a realidade ao seu redor: "Era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos. Não sabia ainda como. Estava estudando, ensinava as crianças menores da favela, participava do grupo de jovens da Associação de Moradores e do Grêmio da Escola" (Evaristo, 2016, pp. 36-37). Em suma, a Duzu-querença queria estudar, mas não conseguiu, contudo, a neta quando soube da morte da avó tinha acabado de chegar da escola; fato o qual, pode nos indicar que talvez ela — a neta, ou seja, duas gerações depois — consiga romper com o ciclo.

No conto *Maria*, a protagonista trabalha como empregada doméstica, na casa de uma família com recursos financeiros, na noite anterior é relatado que houve um banquete, e por isso "ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora." (Evaristo, 2016, p. 39), o recorte textual nos permite depreender que algumas das coisas levadas para casa por Maria eram em parte restos que iriam ser descartados no

ISSN: 2358-8829

lixo, ou seja, a patroa considera impróprios para o consumo da sua família; ao passo que a cena é descrita podemos relacioná-la a violência simbólica, que aprofunda e naturaliza as desigualdades, de modo que ao invés de resolvê-la, torna a situação banal e naturalizada, e até mesmo confundida como um gesto de generosidade da patroa. Neste conto, podemos constatar a violência socioeconômica, assim como no conto da Duzu-Querença, que se apresentam na pobreza, fome, condições de trabalho precário, de maneira a formarem um círculo vicioso com a falta de oportunidade e exploração,

Não obstante, os infortúnios de Maria, que cuidava de três filhos sozinha, naquele dia estes não se restringiram às dificuldades cotidianas. Na volta para casa, o ônibus no qual estava foi assaltado, um dos assaltantes era o pai do seu primeiro filho, eles não se encontravam há muito tempo, ele cochichou com Maria sobre o menino e lhe mandou um beijo. Após os assaltantes saírem do ônibus, começou um novo episódio de violência, doravante com a Maria, a sequência tem início com a violência verbal e moral: "ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois [...] A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!" (Evaristo, 2016, p. 41-42), destaca-se no recorte da narrativa os insultos verbais, que se configuram como injúria racial — ofender a dignidade de outrem com base em elementos raciais — e também calúnia — acusar falsamente alguém de um crime. O clímax da violência ocorre na sua modalidade física, a qual acarreta a morte da protagonista: "Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria. O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira [...] Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos." (Evaristo, 2016, p. 42). O episódio apresenta o chamado "justiçamento" como uma expressão de brutalidade e revela a facilidade com que uma mulher negra, pobre e trabalhadora é transformada em alvo de vingança e injustiça. A violência não se encerra no assalto: ela se prolonga no racismo e na agressão coletiva que culmina na morte de Maria.

No conto *Quantos filhos Natalina teve*, a narrativa conduz o leitor ao amor autossuficiente. A protagonista teve quatro gravidezes: a primeira aos 14 anos foi fruto de um relacionamento com seu namorado, ela foge de casa e acaba dando o bebê para uma enfermeira; a segunda, quando ela já era mais velha, decorrente de um relacionamento, o pai fica com a criança, porque Natalina não quis formar uma família com ele, a despeito dele nunca compreender o motivo da recusa, porque "julgava ser o

modo de uma mulher ser feliz" (Evaristo, 2016, p. 46); a terceira foi resultado de um favor para a patroa dela, que não podia engravidar, e assim Natalina se torna uma depositária do filho alheio; a quarta gravidez foi a consequência de um estupro, na sequência do ato Natalina mata o homem que a violentou com a arma dele, de tal forma que o filho gerado naquela ocasião é o único que a protagonista considerava dela, pois não carregava marcas de ninguém.

Ainda sobre a violência sexual que a Natalina sofre, podemos destacar, que sequência narrativa começa com ela sendo levada por homens que procuram pelo irmão dela, apesar de Natalina informar que fazia muitos anos que ela não o via. Os indivíduos depois de invadirem o barracão dela, colocam-na no carro e levam-na por um caminho que ela desconhece, pois estava vendada, todos os homens são deixados ao longo do percurso, exceto o motorista, este que restou: "desceu do carro puxou a violentamente jogou-a no chão; depois desamarrou suas mãos e ordenou que lhe fizesse carinho. Natalina, entre o ódio e o pavor, obedecia a tudo" (Evaristo, 2016, pp. 49-50). Portanto, ao não conhecer este homem e também pelo fato de ter dado cabo da vida dele, a Natalina apesar da violência sente que o bebê que ela carrega é apenas seu e livre de qualquer marca, que poderia fazê-la relacionar o filho ao pai.

Outro conto que aborda a problemática da violência sexual é *Luamanda*, nesta narrativa uma mulher de quase cinquenta anos reflete sobre a passagem do tempo e amor, de modo a amalgamar a criança que foi com a idosa que se torna. Em uma das suas experiências amorosas a protagonista sofre um estupro, realizado por um homem que não aceitou o fim do relacionamento: "A vagina ensanguentada, perfurada, violada por um fino espeto, arma covarde de um desesperado homem, que não soubera entender a solidão da hora da partida. E pior do que a dor foi a dormência de que foi atacada, em sua parte tão viva, durante meses a fio." (Evaristo, 2016, p. 62), a violência não foi coito forçado com o órgão sexual, mas com um instrumento que perfurou as partes íntimas da protagonista e deixou marcas no seu corpo por meses. Ademais, é importante frisar que o crime de estupro sofreu uma mudança na sua conceptualização jurídica, promovida pela Lei nº 12.015 (Brasil, 2009). No sentido de que este deixou de ser visto como um crime contra a honra e passou a ser enquadrado como um delito que viola a dignidade sexual da vítima, conferindo-lhe *status* de violação de direito humano e não de atentado à moral e aos bons costumes, como na redação dos dispositivos penais de outrora. Esta

mudança foi importante, porque abarca a proteção de todas as mulheres e não apenas aquelas que teriam uma honra a ser protegida.

No conto o *Beijo na face*, a protagonista Salina vive dentro de um casamento opressor, no qual os seus próprios filhos são instigados pelo pai a vigiá-la. No decorrer da narrativa ela se envolve em uma relação homoafetiva. Neste contexto, "aos poucos as ameaças feitas pelo marido, as mais diversificadas e cruéis, foram surgindo. Tomar as crianças, matá-la ou suicidar-se deixando uma carta culpando-a" (Evaristo, 2016, p. 53). De tal modo que observamos a violência de gênero no controle, possessividade e opressão dos desejos de Salina realizadas pelo seu marido.

No conto *O cooper de Cida*, entramos em contato com a fixação pelo trabalho que acaba objetificando a vida. A protagonista, Cida, nasce em uma cidade calma, mas ao ir para o Rio de Janeiro, descobre o turbilhão da cidade, a urgência da vida, lá as pessoas são "gentemáquinas" (Evaristo, 2016, p. 66) que se cruzam. A violência, nesta narrativa é mais sutil, mas podemos considerar presente na forma desumana de vida que o frenesi e produtividade exige dos indivíduos na vida contemporânea, em especial nos grandes centros urbanos.

O conto *Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos*, nos apresenta a vida das crianças que vivem nas comunidades periféricas das grande cidades, mormente sobre a infância das crianças que crescem nesses lugares, nos quais a falta de recurso financeiro demanda criatividade para inventar brincadeiras. Na narrativa, Naíta queria uma figurinha-flor da irmã, Zaíta. Um dia o objeto some ao ir procurá-lo nos becos da comunidade, Zaíta acaba morrendo em um tiroteio, "balas, balas e balas desabrochavam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar. Algumas fizeram círculos no corpo da menina. Daí um minuto tudo acabou" (Evaristo, 2016, p.76) . Portanto, determinadas infâncias, brincadeiras e vínculos de parentescos podem ser atravessados pela violência armada que aflige espaços sociais vulneráveis. A mesma narrativa ainda retoma a questão da criminalidade: o irmão das meninas era o líder de um dos grupos armados da comunidade e os pais das crianças as instruíam de nunca se afastarem de casa, a fim de se protegerem.

No conto *Di lixão*, um menino em situação de rua vive em contexto de abandono. Não sabemos o nome do protagonista, mas o seu apelido advém do fato dele ser conhecido na região por chutar as latas de lixo. A mãe dele morreu, apesar de saber quem a matou, o menino nunca se importou de acusar o culpado, porque ele tinha

cicatrizes da relação com a mãe. Sobre a sua genitora, pelos elementos do texto podemos depreender que seria prostituita. Outrossim, percebemos na narrativa dores físicas — dor de dente, que gera a sua morte —, e dores morais — o abandono. Di lixão morre sozinho, assim como viveu: "deitou novamente, retomando a posição de feto. Já eram sete horas da manhã. Um transeunte passou e teve a impressão de que o garoto estava morto. Um filete de sangue escorria de sua boca entreaberta" (Evatisto, 2016, p. 80). As suas dores são consequências de violências decorrentes da omissão estatal, não apenas no contexto em que a sua genitora se encontra inserida, mas também na própria condição de completo desamparo do menino. Neste conto, assim como nas narrativas de Duzu-Querença e Zaíta observamos a violência contra a infância, configurada por meio do abandono e exposição de crianças à fome, a violência urbana e falta de acesso à escola.

Outro conto que aborda a vulnerabilidade infantil é *Lumbiá*. Nesta narrativa, o protagonista vendia flores, o que se configura como uma situação de trabalho infantil. O menino gostava do natal, por causa do presépio, isto porque, além de se parecer com a sua família, o Rei Baltasar, era uma figura que parecia com a cor de sua pele, preta. Devido a este encantamento, o protagonista um dia furta o menino Jesus de um presépio. O final é simbólico, pois não apenas Lumbiá morreu atropelado ao ser perseguido, mas também o Deus-menino se quebrou na fuga, "O sinal! O carro! Lumbiá! Pivete! Criança! Erê, Jesus Menino. Amassados, massacrados, quebrados! Deus-menino, Lumbiá morreu!" (Evaristo, 2016, p. 86).

Em *Os amores de Kimbá*, a violência mais presente é a autoprovocada, que se configura como física. Embora, decorre de um contexto de vulnerabilidade e do desejo de se esquivar da miséria, que são fatores de violências simbólicas, o suícidio é motivado pelo triângulo amoroso. Em um pacto fatal os três envolvidos dão cabo em conjunto de suas vidas, "Já que não estava dando para viver, por que não procurar a morte? Seria fácil. Primeiro Beth, depois o amigo e em seguida ele. A morte selaria o pacto de amor entre eles. A morte pelo amor dos três" (Evaristo, 2016, p. 94).

O suicídio não aperace apenas em *Os amores de Kimbá*, o conto *Ei, Ardoca*, que se passa em uma estação de trem, o protagonista acostuamado desde criança as viagens diárias de trem, porque a mãe se locomovia para o trabalho desta forma, passa mal. Ele afirma que "viu como testemunha cega e muda, a assaltos, assassinatos, tráfico e uso de droga nos vagões superlotados" (Evaristo, 2016, p. 96), contudo naquele dia de sábado,

ISSN: 2358-8829

após uma pessoa o socorre6u e o retirar do vagão, foi a mesma que lhe assaltou. Ao final do conto, o narrador nós revela a verdade que o "outro levava os pertences de alguém que já despertencia à vida e jazia no banco da estação" (Evaristo, 2016, p. 97), isto porque, Ardoca não tinha passado mal subitamente, na verdade a opressão social e psicológica, que geram a falta de perspectiva de futuro levou-o a cometer suicídio. Ele tomou veneno e foi morrer no trem, porque era um lugar familiar, haja vista, a vida entre os trilhos do subúrbio que viveu.

O penúltimo conto da obra, *A gente combinamos de não morrer*, é constituído por meio de vozes polifônicas, pois são três narradores: Dorvi, envolvido em disputas das facções criminosas; Bica, companheira de Dorvi; e D. Esterlinda, mãe da Bica, aficionada por novelas, que lhes serve de linhas de fuga. A família carrega uma marca da violência, o irmão da Bica foi executado como traidor. A narradora D. Esterlinda ao ponderar que todos os seres são compostos do mesmo pó conclui: "o meu pó corre mais perigo. Meu pó vira cinza rápido. Quem incendeia? Pode ser a polícia, pode ser qualquer um de nós mesmo, grupos rivais." (Evaristo, 2016, p. 104), de modo que neste conto também observamos a violência urbana.

Por fim, no último conto *Ayoluwa, a alegria do nosso povo*, a autora não traz a violência como temática, ao contrário trata da vida e da ancestralidade. A personagem Bamidele anunciou que iria ter um filho, ao passo que todos na comunidade consideram que estavam grávidos da criança, bem como seria responsabilidade e bênçãos para todos. Portanto, a Conceição Evaristo termina a coletânea de contos de maneira esperançosa, além de ressaltar a importância da voz coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, a obra *Olhos d'água* nos permite a visualizar e compreender que os tipos de violências, que perpassam os corpos negros e de classe econômica mais baixas, em especial das mulheres, são múltiplas. Assim, observamos que as violências podem ser identificadas como: física, psicológica, verbal, simbólico, racial, estrutural e socioeconômica.

Além do mais, a série de contos que compõem o livro de Conceição Evaristo é uma possibilidade de dar voz e visibilidade aos grupos marginalizados, de modo que por meio da escrita a autora consegue se apropriar de vivências sofridas e subjugadas. Por

fim, a literatura ao proporcionar uma compreensão mais profunda do mundo contribui para o respeito ao "Outro".

Sob esta perspectiva, portanto, os contos de Evaristo analisados se configuram como possibilidade de trabalhar a sua análise e interpretação em prol de uma educação antirracista; isto porque instrumetaliza que os seus leitores descortine mais do que apenas as violências físicas, ao passo que podem contribuir para a identificação e discussão de formas de violências que nem sempre são explícitas, como o racismo ou o apagamento social. Assim, talvez possamos superar a desvalorização de pessoas negras e pobres, cujas vidas e sofrimentos são frequentemente ignorados tanto pelo Estado, como pela sociedade em geral.

Palavras-chave: Violência; Interseccionalidade; Racismo; Literatura..

REFERÊNCIAS

ADCHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única.* Tradução de Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BRIOLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. *Gênero, raça e classe*: o pressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades. Londrina: Mediações, 2015.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, P. A dominação masculina. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRASIL. *Lei nº 12.015*, de 7 de agosto de 2009. Brasília, DF: Presidência da República, [2009]. Disponível em: <planalto.gov.br>. Acesso em: 02 nov. 2026.

BRASIL. *Lei nº 12.796*, de 4 de abril de 2013. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <planalto.gov.br>. Acesso em: 3 nov. 2026.

CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa:* métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre, RS: Artmed, 2007.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água.* Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica:* biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n - 1 edições, 2018.

MBEMBE, Achille. *Políticas da inimizade*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n -1 edições, 2020.